

A LOCALIZAÇÃO DE XANGÔS NA CIDADE DO RECIFE

MARIA DO CARMO BRANDÃO
Universidade Federal de Pernambuco

Do século XVII ao século XIX não encontramos registros sobre a localização dos Xangôs na cidade do Recife. No século passado viajantes estrangeiros que residiram em Pernambuco por algum tempo, como Graham(4) (1817), Tollenare (2) (1816/1818) e Koster (3) (1824) entre outros, escreveram diários e relatos de viagens onde não faltavam descrições da vida dos negros, suas formas de ocupação e moradia. Principalmente relatos referentes à escravidão, mas não há comentários sobre sua religiosidade.

Ribeiro (4) (1952) apresenta trechos do relato do padre Lino de Monte Carmelo (1867) assinalando danças de negros na festa de Nossa Senhora dos Prazeres nos montes Guararapes. Este mesmo autor relata que, no início do século XIX, o governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro (1815), dirigindo-se ao ouvidor-geral de Olinda, Antônio Carlos Ribeiro de Andrade pede a restrição da participação dos negros “com suas danças e folguetórios” nas festas de igrejas.

Tal participação de negros nas igrejas e irmandades é antiga. A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos já realizava, em 1674, eleições para cargos como “rey dos crioulos”, “raynhas”, “mordomas” etc. Conforme consta no livro de lançamentos das eleições para essa irmandade 1674-79 (5).

Ribeiro (op. cit.: 36) afirma que na segunda metade do Séc. XIX, havia grupos de cultos em funcionamento no bairro de São José. Apesar de não citar as fontes de onde obteve essas informações, afirma:

(...) “Os Xangôs localizam-se no bairro de São José, na rua das Calçadas, dos Pescadores, de São João, do Gasômetro, e na Campina do Bode; outros ficavam na Boa Vista, na Aldeia dos 14, e Estância: (...) onde Henrique Dias fizera erigir sua capela votiva”.

O que nós encontramos correspondente a esta época foram os registros sobre maracatus: folguedos carnavalescos formados por (...) “grupos descendentes de organização de negros africanos dos séculos passados” (Real, 1977: 67). Destes, o Elefante, fundado em 1800, e o Leão Coroado, fundado em 1863, estão entre os mais antigos. Afirma Real (op. cit.) que, entre as características destes folguedos carnavalescos, estão a escolha de gente de cor, e que estes tendem a ter uma ligação mais estreita com os cultos de Xangô, especialmente os de influência nagô. Peixe (1980: 23) compartilha com a opinião da referida autora quando afirma que:

“É oportuno realçar o que nos esclareceram os informantes de vários grupos: a gente do maracatu tradicional – ‘Nagô’, como

dizem, no sentido de 'africano' – é constituída na maioria, por iniciados nos Xangôs; a que prefere o Maracatu-de-orquestra, tende para o catimbó, culto popular de característica eminentemente nacionais.

“Ao que parece, há procedência nas informações, pois nos cânticos do Maracatu-de-orquestra é constante o aparecimento de vocábulos como ‘aldeia’, ‘caboclo’, ‘jurema’ e outros – todos refletindo identificações que acusam a preferência religiosa dos seus participantes”.

Encontramos ainda a informação de que no século passado os clubes de frevo (6) e as troças (7) começaram a aparecer após a abolição em 1888. Dos clubes, o mais antigo é o vassourinhas, fundado em 1889, e o das Pás de Carvoeiro, fundado em 1890. Das troças, a mais antiga é a do Homem do Cachorro do Miúdo, fundada em 1910. Esses clubes também reuniam predominantemente homens de cor, que exerciam funções que passavam a designar o nome de sua associação carnavalesca. Dessas categorias funcionais, as que tiveram clubes de frevo famosos foram os Ferreiros, Vasculadores, Espanadores, Talhadores, Ciscadores, Abanadores entre outros. O afrouxamento do sistema econômico escravocrata, principalmente para os negros moradores da cidade, permitiram-lhe aprender alguns ofícios, como registrou Koster (op. cit. 509) no século passado.

“Os escravos que trabalham no Recife podem ser divididos em duas classes: – em escravos domésticos e os que pagam semanalmente a seus donos um estipêndio proveniente do que ganham n’algumas ocupações feitas sem que estejam sob o olhar do senhor. A primeira classe tem poucas oportunidades de ganhar sua alforria com seus esforços e está sujeita aos caprichos e extravagâncias dos superiores. A segunda classe consiste de marceneiros, sapateiros, canoieiros, carregadores etc (...) As mulheres podem também empregar-se e ter os seus ganhos em liberdade. Fazem doces e bolos e são cozinheiras, amas e copeiras”. Tollenare (1978:111-112), a esse respeito, registra: (...) “Os negros comprados são destinados aos engenhos, às plantações de algodão, às fazendas de criação de gado e aos trabalhos na cidade, (...) os negros destinados a cidade são empregados nos SERVIÇOS CASEIROS, nas oficinas e no porto. (...) HÁ NEGRAS LAVADEIRAS, VENDEDORAS NA RUA, COSTUREIRAS etc. Há negros de aluguel (...) escravos canoieiros no Capibaribe e no Beberibe. Há MARCENEIROS, CARPINTEIROS, FERREIROS, PEDREIROS (...) (GRIFOS NOSSOS).

Ainda em Tollenare (op. cit.) encontramos referências a localidade moradia de negros e mulatos nessa época – o bairro de Santo Antônio e o povoado de Beberibe.

“Este bairro é habitado por muitos brasileiros brancos, mulatos e negros livres (...)” (op. cit.: 22) E mais adiante: “Deixando o Recife, passa-se pelo povoado de Beberibe (...) todo esse espaço é muito bem povoado por brasileiros, mulatos e negros livres: as casinhas e os jardins se sucedem a pouca distância (...)”

Diante das fontes mencionadas podemos perceber que os Xangôs como forma de religiosidade na cidade do Recife são mencionados antes da abolição da escrava-

* O autor pesquisou os maracatus do Recife entre os anos de 1949 a 1952.

tura em 1888 referenciados através das agremiações carnavalescas. Os informes sobre os negros envolvidos nesta forma de religiosidade e lazer são moradores da cidade e que exerciam ofícios que permitiam-lhe com seus próprios ganhos, financiarem estas agremiações e conseqüentemente, dar suporte financeiro para estes cultos.

Posteriormente, como assinala Real (op. cit.: 25) as agremiações são financiadas por operários urbanos que exerciam seus diversos nos antigos bairros comerciais e portuário da cidade. Possivelmente, esses operários urbanos de ambos os sexos, devem ter continuado a dar suporte financeiro e a ter ligações com os Xangôs da cidade.

Infelizmente, se temos dados sobre a localização das diversas formas de agremiações carnavalescas – maracatus, clubes de frêvo e troças – cujas sedes se localizavam nos bairros de Santo Antônio, São José, Boa Vista, Pina, Torre, Tamarineira, Areias, Afogados entre outros, não encontramos referência sobre a localização dos Xangôs para esta mesma época. Podemos supor como hipótese, que alguns desses cultos poderiam ter como sede a própria agremiação carnavalesca ou poderiam se localizar nos bairros onde havia estas agremiações ou ainda nos bairros em que moravam os negros e seus descendentes.

O único dado concreto encontrado, refere-se a menção de Tollenare (op. cit.) que negros e mulatos moravam no bairro de Santo Antônio e no povoado de Beberibe, moradia e não a localização de terreiros de Xangôs.

Só a partir da década de 30 encontramos referências precisas não apenas sobre a localidade de moradia como sobre a existência de Xangôs.

Freyre (1934) assim se refere ao assunto: "Xangôs havia vários pelo velho Recife. Uns, em mucambos acima de grandes gameleiras ou entre coqueirais. Outros, em casinhas de barro sumidas na mucambaria do Fundão. Ainda existe alguns, mas já deformados. Em decadência..."

"Os antigos eram verdadeiras religiões, com suas danças, seu maracás, seus santos a que se faziam sacrifícios de comida e de azeite de dendê, seus pais de terreiro, suas galinhas pretas, seus ramos de jurema, (...) Havia também a bahiana Joana de Bomba Grande, que trabalhava com galinha preta. E seitas africanas uma porção. A de Cosme e Damião, na rua das Meninas nº 4, a de São Sebastião, no beco do Cochico. Uma na Água Fria na rua do Mangerico. Outra de Santa Bárbara – no Jacaré. A de Santo Antônio, no Fundão, de rios nagôs baldeados com jejes – informa a mãe de terreiro. A de Pai Adão que estivera na África e falava iorubano. E ainda a de Xambá, a de Obaruidá e a de Obaomim". (Freyre, op. cit.: 106-109)

Encontramos ainda outros registros sobre localizações de terreiros no Recife, na década de 30. Nesta época, o Serviço de Higiene Mental dirigido por Ulisses Pernambucano de Mello, através de seus auxiliares – técnicos, doutorandos de Medicina, recolheram informações preciosas sobre o funcionamento e a localização dos cultos. Cavalcanti (1935), um desses auxiliares-técnicos, publica um artigo que fora apresentado no I congresso Afro-Brasileiro em 1934, onde apresenta uma lista de terreiros com seus respectivos endereços e o nome dos seus responsáveis: pais e mães de santo. Em 1937 Fernandes (op. cit.) apresenta uma relação mais completa que a de Pedro Cavalcanti, além de registrar em diversas passagens, outros terreiros, aumentando assim as informações sobre os cultos Afro-brasileiros da época. Ainda

em 1937, Lima (1937: 73) apresenta uma relação de pais e mães de santos que compareceram a uma importante reunião do Serviço de Higiene Mental presidida por Pedro Cavalcanti cuja finalidade era aproximar e organizar os Xangôs do Recife, infelizmente esta relação não traz maiores informações além dos nomes das chefias religiosas destes terreiros.

Em 1938, o **Diário de Pernambuco**, na sua edição de 13 de fevereiro, publica a relação de terreiros fechados pela polícia (Delegacia de Investigações), prosseguindo uma campanha contra Xangôs, Catimbós, cartomantes e outros centros classificados como de "exploração da boa fé popular" (sic.). Ainda em 1938, com os Xangôs fechados pela polícia (8), Alvarenga (1948), em sua missão de registrar, pelo processo mecânico de gravação, o folclore do Nordeste do Brasil, relaciona, além das toadas, referências a outros terreiros não incluídos nos trabalhos anteriores.

Partindo destes autores e fontes mencionadas, elaboramos uma relação de localização de terreiros, que sem pretensão de esgotar as possibilidades de investigação etnográfica da época, nos fornece uma boa amostragem das áreas de localização de Xangôs. Esta relação de terreiros é apresentada, através do número de casos encontrados nos bairros e suas respectivas Zonas administrativas num total de 51 casas.

RELAÇÃO DOS 51 TERREIROS DA DÉCADA DE 30 NO RECIFE LOCALIZADOS EM SUAS DIFERENTES ZONAS ADMINISTRATIVAS

01. Zona Adm. RECIFE 0 Recife -	08. Zona Adm. AFOGADOS 3 Afoogados 2 Mustardinha 1 Mangueira - Jd. S. Paulo - Estância -	12. Zona Adm. POÇO 1 Apipucos - Casa Forte - Dois Irmãos 1 Poço da Panela -
02. Zona Adm. STO ANTÔNIO 0 Sto. Antônio -	09. Zona Adm. MADALENA 0 Cordeiro - San Martin - Torre - Zumbi -	13. Zona Adm. CASA AMARELA 4 Casa Amarela 3 Nova Descoberta - Mangabeira 1 Macaxeira - Vasco da Gama - Guarabira -
03. Zona Adm. SÃO JOSÉ 0 Coelhos Coque S. José	10. Zona Adm. TEJIPIÓ 4 Areias Tejipió 4 Barro Caçote Sucupira Pacheco Sancho	14. Zona Adm. VÁRZEA 1 Engenho do Meio - Várzea - Iputinga - Caxangá - Bomba Grande 1
04. Zona Adm. BOA VISTA 0 Boa Vista -	11. Zona Adm. BOA VIAGEM 1 Pina e Brasília Teimosa 1 Ibura - Boa Viagem - Imbiribeira - IPSEP -	15. Zona Adm. BEBERIBE 14 Água Fria 5 Beberibe 2 Águas Compridas - Fundão 7 Peixinhos - Arruda - Caixa d'Água e Cajuciro - Sapucaia e Alto do Deodato -
05. Zona Adm. STO. AMARO 0 Sto. Amaro -		
06. Zona Adm. GRAÇAS 0 Graças - Tamarineira		
07. Zona Adm. ENCRUZILHADA 17 Campo Grande 13 Arruda 1 Encruzilhada 3		

Outros: Olinda 1
 Vitória 1
 Sem identificação 4

Fonte: Pesquisa bibliográfica: Gilberto Freyre (1934), Pe. Cavalcanti (1935), Gonçalves Fernandes (1937), *Diário de Pernambuco* (1938), Oneyda Alvarenga (1948), V. Lima (1937).

Examinando esta relação de terreiros de Xangôs da década de 30 constatamos que o grande celeiro de concentração desses cultos ficava na Zona Administrativa de Beberibe e Encruzilhada, confirmando as informações contidas em Cavalcanti (op. cit.: 244):

“A maioria das seitas africanas está localizada Zona marginal às linhas do Beberibe e Campo Grande, arrabaldes pobres da cidade. Encruzilhada, Água Fria, Arruda, Chapéu de Sol e Função, por todos esses lugares se encontram terreiros. Terreiros de culto nagô, gege, xanbá com predominância de nagô”. Opinião esta compartilhada por Fernando (op. cit.: 20): (...) “estes terreiros ficavam afastados de outras casas, no meio de sítios, ou cercados de arrabaldes de grande densidade de população pobre e que na sua maioria se localizavam nos arredores do Beberibe, área de difícil acesso aos que não conhecem bem a topografia da região”.

Das observações dos referidos autores, constatamos que, na década de 30, os Xangôs se restringiam aos arrabaldes pobres e que estes arrabaldes já se encontravam disseminados quase por todo o perímetro urbano do Recife. O quadro sócio-econômico destas áreas preocupam a administração pública, levando-a em 1939 a criar a Liga Social Contra o Mocambo. É também interessante notar que os bairros circunvizinhas ao Rio Beberibe são apontados desde o Século XVII como reduto de pobreza e gente de cor⁽⁹⁾. Este fato indica que esta área (o que inclui a Encruzilhada) forma um dos nichos mais antigos de localização de Xangôs no Recife.

Nas décadas seguintes, apareceram dois importantes trabalhos sobre essas mesmas formas de religiosidade na cidade – o de Ribeiro (1952) e o de Valente (1955) – estes trabalhos no entanto não permitem ampliar os registros sobre a localização dos terreiros. No entanto Ribeiro (1954: 66), afirma: (...) “em 1954 haveria mais de 100 terreiros de Xangôs” e segundo ainda o mesmo autor, na década de 50 os Xangôs do Recife continuam a predominar nos bairros populares. Sobre este assunto escreve:

(...) localizam-se os Xangôs de preferência nos subúrbios da cidade, principalmente naqueles ocupados pela nossa população de nível econômico e social mais baixo. Recrutam-se nessas camadas populares os seus organizadores, como a maior parte de seus fiéis, que assim pouco se distinguem dessa população, compondo-se principalmente de indivíduos predominantemente mestiços, escuros ou negros, analfabetos ou de instrução rudimentar, ocupados em profissões humildes e integrados na sua cultura local”. (Ribeiro 1952:72)

Posteriormente, Mendonça (1975) realiza um trabalho pioneiro: – especificamente sobre o crescimento e a localização de terreiros de Xangô no grande Recife,

apresentando o seguinte quadro sobre o crescimento de terreiros, de 1947 a 1974.

ANO	Nº DE TERREIROS	FONTE
1947	48	R. Ribeiro – IJNPS, 1952
1951	120	Federação do Recife
1961	3210	Federações – arquivos do IJNPS
1975	6000	Entrevista com funcionários, autoridades de delegacias, arquivos da delegacia de diversões públicas e do IJNPS

Mendonça (1975: 47)

Algumas críticas podem ser feitas a esses dados apresentados pelo autor. Na nossa pesquisa, por exemplo, encontramos um número maior de terreiros na década de 30 que os apresentados pelo autor para o final da década de 40.

Motta (1977) contesta também os dados referentes a 1975, lembrando que neste caso o número deve estar superdimensionado, visto que o autor não procedeu ao expurgo de fixas de registros duplicadas ou mesmo triplicada, e que se encontram assim arquivadas, nas fontes referidas pelo pesquisador. Achamos que há ainda a possibilidade de muitas dessas fichas de registros corresponderem a terreiros fechados. Uma outra possibilidade é de que possa haver terreiros registrados sobre diferentes nomes, visto que a mudança de nomes e de endereços não é fato incomum nos Xangôs.

Outra crítica que pode ser feita é que, de um modo geral, os pequenos terreiros de jurema ou aqueles a pouco montados dificilmente teriam a preocupação de efetuar seus registros em Federações ou mesmo na Delegacia de Diversões Públicas, onde era obrigatório tirar-se uma licença para “tocar” (realizar eventos públicos).

As críticas não invalidam o esforço pioneiro do autor. Destacamos, entre outros, dois pontos importantes nesse trabalho: Primeiro, registra a tendência que se inicia na década de 60, de crescimento das chamadas religiões populares em todo o país.

Haver ou não, em 1975, seis mil terreiros no Recife não contradiz o fato desse crescimento ter sido bastante expressivo. Achamos que, a partir da década de 60, deve ter ocorrido um crescimento geométrico, das religiões afro-brasileiras em suas diversas modalidades na cidade. Neste aspecto, Os Xangôs, do Recife não foram uma tendência isolada. As demais religiões ditas populares, como Assembléias de Deus, Brasil para Cristo, Congregação Cristã do Brasil, entre outras modalidades de seitas pentecostais e a umbanda, também tiveram um crescimento bastante significativo em todo o Brasil.

Lopes (1981: 57) mostra que, enquanto em 1930 havia no país 267 templos de diversas seitas pentecostais, em 1970 esse número cresceu para 11.118 e, em 1980, já havia 26.000 templos dessas mesmas seitas.

Rolim (1981) ratifica a pesquisa do autor acima citado quando diz que, em 1980, já havia 8,5 milhões de pessoas adeptas das diversas seitas pentecostais no Brasil.

Nesta tendência de crescimento das religiões populares também se enquadram as religiões afro-brasileiras, apesar de não termos dados sobre o seu crescimento no país. Essa grande migração das camadas populares para outras formas de religiosidade que não o catolicismo levou o Cardeal bispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela, a afirmar numa entrevista*: – “o que mais intriga a CNBB (Conselho Nacional de Bispos no Brasil) é o fato de que um número crescente de brasileiros, oriundos principalmente das classes sociais menos favorecidas, entregarem-se a seitas que considero à margem da realidade política, social e econômica do país”.

Esta preocupação de Dom Avelar Vilela se explica quando examinamos a origem da composição dos adeptos das chamadas religiões populares. Rolim (op. cit.) afirma que 57% desses adeptos são ex-católicos. Salientemos que, os adeptos das religiões afro-brasileiras podem manter a seu critério, sua religião de origem, o mesmo não acontecendo com os adeptos das seitas pentecostais, o que significa, de qualquer modo, uma significativa evasão de católicos.

O trabalho de Mendonça, portanto, exprime esse firme crescimento dos Xangôs.

Esse crescimento das religiões populares no Brasil, onde os Xangôs seguem a mesma tendência expansionista, merece uma análise mais detalhada devido as possíveis implicações políticas, sociais e econômicas que explicariam esse crescimento, mas não o faremos, visto não constituir esse, o objetivo do nosso trabalho.

O nosso interesse, restringe-se a salientar que com este crescimento, a população envolvida com esta forma de religiosidade, também cresceu, o que significa que, a partir da década de 60, Xangô passa a representar não mais uma minoria negra e mulata como assinalava em 1937 Fernandes e sim uma modalidade religiosa que engloba um número significativo da população desta cidade.

Um segundo ponto importante do trabalho de Mendonça, foi não se limitar a apontar as localizações de terreiros na cidade, mas relaciona-los a suas Zonas Administrativas comentando algumas de suas características. Esta pesquisa ratifica a tendência ocupada nas décadas de 30 e 50, os Xangôs predominam em bairros populares.

No nosso trabalho, partindo dos dados apresentados pelo referido autor, e cruzando-se com os do Plano de Desenvolvimento Integrado da Prefeitura do Recife, para o ano de 1970, elaboramos um mapa montado sobre a planta de delimitação espacial da Região Metropolitana do Recife (RMR): onde assinalamos as 5 principais Zonas Administrativas que concentram e localizam os terreiros de Xangôs.

Observando o mapa (1), verificamos que forma três blocos distintos:

1. Um bloco compreendendo as Zonas Administrativas do Beberibe e Casa Amarela;
2. Um outro compreendendo as Zonas Administrativas do Tejipió e Afogados;
3. E um terceiro compreendendo a Zona Administrativa de Boa Viagem.

Estes blocos apresentam as seguintes características:

1. Bloco compreendendo as Zonas Administrativas de Beberibe e Casa Amarela: Este forma uma massa compacta transversal ao eixo norte sul do perímetro

* Entrevista a Revista Veja nº 683, 1981.64

urbano. Os bairros compreendidos nesse espaço, ocupam extensos manguezais, terras baixas periodicamente inundáveis e zonas de morro e de córregos. O rio Beberibe corta o lado norte deste bloco e o Capibaribe o lado sul. Resquícios da mata Atlântica ainda podem ser vistos no bairro de Guabiraba (extremidade noroeste do bloco).

A Zona Administrativa de Beberibe é composta pelos seguintes bairros: Beberibe, Água Fria, Arruda, Águas Compridas, Linha do Tiro, Fundão, Sapucaia, Caixa d'Água, Passarinho, Cajueiro, e os Alto do Pascoal, do Deodato e do José do Pinho. A densidade demográfica dessa Z.A. é de cerca de 130 a 155 ha./hect. e apresenta a quarta colocação entre as cinco maiores áreas de localização e concentração de Xangôs apresentados por Mendonça (8) (op. cit.)

Beberibe – No Século XVII o antigo Engenho do Beberibe de Propriedade de Diogo Gonçalves era tão importante quanto os Engenhos de Casa Forte e Várzea. No século XVIII, o Engenho já tinha sido desmembrado e em seu lugar ficou uma povoação próspera onde havia muitos sítios. Galvão (1908: 53) descreveu este bairro como sendo "... um lugar gentil, arrodado de magníficas matas e banhado pelo rio do mesmo nome..." A Companhia Férrea do Beberibe substituiu o rio como via de comunicação e meio de transporte para o centro da cidade. Ao longo desta via, inaugurada no século passado, surgiram vários núcleos de povoamento que hoje constituem alguns dos diferentes bairros.

O bairro do Beberibe como parte desta Z.A., apesar de ser pouco citado na relação dos terreiros de Xangô da década de 30, faz parte como antigamente, de uma importante área de concentração dessa forma de religiosidade, assim como todos os demais bairros localizados nas circunvizinhanças do Rio Beberibe.

Na pesquisa de Mendonça (op. cit) realizada na década de 70 é ratificada a importância desta área de localização de Xangôs que contribui com cerca de 26% do total de casos encontrados nesta Zona Administrativa. Podemos afirmar, baseados na nossa observação, que este bairro permanece como reduto de Xangôs tradicionais.

Água Fria – Na época dos holandeses, este bairro chamava-se Estância de Leonardo Fróes. Posteriormente esta estância foi desmembrada e com a construção da Companhia Férrea Urbana, que ligava este bairro ao centro da cidade pelo ramal do Beberibe, ocorreu seu grande crescimento.

Na listagem dos terreiros da década de 30, verificamos que os mais importantes daquela época se localizavam neste bairro, inclusive os terreiros de Adão e Anselmo. Ainda hoje, este bairro é reduto de Xangôs tradicionais. Água Fria, na pesquisa de Mendonça, aparece contribuindo com 33% do total de casos encontrados nesta Zona Administrativa.

Arruda – Bairro que deve o nome a Manuel Ignácio de Arruda, comerciante muito popular na localidade, no século passado. Este bairro aparece na década de 30 como área de concentração de Xangôs, atualmente contribui com 3% dos casos, do número total encontrado em sua Zona Administrativa.

Águas Compridas – Outro importante bairro desde a década de 30 no que diz respeito a localização de Xangôs, apesar da ocupação deste espaço urbano não ser tão antigo quanto a dos bairros do Beberibe e Água Fria. Nos dados da pesquisa de Mendonça contribui com 16% dos casos em sua área administrativa.

Linha do Tiro – Situado na margem esquerda da principal via de acesso a área

da Z.A. do Beberibe, é bairro bastante populoso e onde encontramos muitos terreiros de Xangôs.

Fundão — Um dos bairros que surgiu decorrente da passagem da Via Férrea no Ramal do Beberibe. Possui a mesma característica dos demais bairros desta Zona Administrativa: pobreza e Xangôs. Desde a década de 30 é área importante na localização de Xangôs, havendo inclusive nesta época um famoso terreiro aí localizado — o de Rosendo. Contribui com 14% dos casos do total encontrado na sua Z.A., na década de 30 aparecia com um grande celeiro de terreiro.

Caixa d'Água, Sapucaia, Passarinho, Cajueiro, Alto de Deodato, do Pascoal e José do Pinho são os demais bairros que estão compreendidos na Zona Administrativa do Beberibe. Apresentam como características comuns uma ocupação urbana mais recente. Possuem as mesmas especificidades sócio-econômicas dos demais bairros desta Z.A.: subemprego, baixa renda, mocambos e Xangôs. Contribuem no total com cerca de 8,5% terreiros desta Z.A.. São Bairros portanto, que representam menores índices de concentração e localização de Xangôs, e outrossim, segundo as nossas observações, predominam não só os Xangôs Tradicionais como também os Xangôs Umbandizados e os terreiros de Jurema.

Examinando o mapa nº 2, verificamos que esta Z.A. se encontra praticamente incrustada em áreas de mocambos, aliás este bloco é o que apresenta a maior área coincidente com áreas de mocambos o que é razão suficiente para corroborar a sua característica de área de população de baixa renda.

A **Zona Administrativa de Casa Amarela** — que se situa na porção noroeste deste mesmo bloco, possui uma composição sócio-econômica menos uniforme do que a Z.A. do Beberibe. Nas fraldas do morro abriga a classe média ascendente e possui todas as infra-estruturas urbanas; nas regiões de morro propriamente dito, os chamados "Altos de Casa Amarela", predominam a classe sócio-econômica de baixa renda.

Esta Z.A. é composta dos seguintes bairros: Casa Amarela, Nova Descoberta, Mangabeira, Macaxeira, Vasco da Gama e Guabiraba.

Historicamente estes bairros apresentam as seguintes peculiaridades: **Casa Amarela** — Bairro que está ligado ao desdobramento da povoação do Arraial, sede de defesa e resistência dos pernambucanos contra os holandeses, seu núcleo inicial é portanto, muito antigo. Sette (1938) descreveu este bairro como sendo muito aprazível, excelente clima, muitos sítios, mas com precário sistema de transportes coletivos. Segundo o autor, as Maxambombas, só foram inauguradas nas primeira décadas deste século.

Este bairro possui a mais alta taxa de densidade demográfica do Recife, cerca de 155 a 190 habitantes por hectare. Ele também detem a maior porcentagem de concentração e ocupação de terreiros desta Z.A.: — 85% do número total dos casos registrados.

Os Altos do Mandu, do José Bonifácio, da Foice e do Santa Isabel formam o reduto das populações de baixa renda e pertencem a este bairro.

Macaxeira — Pertencia este bairro a Z.A. do poço, teve seu crescimento acelerado com a construção de uma fábrica têxtil, possui as mesmas características sócio-econômicas dos demais bairros desta Z.A. e contribui com cerca de 2% dos casos, do total de terreiros localizados nesta Zona Administrativa.

Nova Descoberta e Vasco da Gama — Foram ocupados posteriormente aos

Bairros de Casa Amarela e Macaxeira, também são redutos de pobreza. O primeiro contribui com 7% e o segundo com 2% do total de casos encontrados nesta Z.A.

Guabiraba — É o que teve ocupação mais recente, não apresenta característica diferenciadas dos demais bairros, contribui com cerca de 1% do total de casos apresentados na sua Z.A.

Esta Zona Administrativa apesar de representar uma pequena área do reduto de classe média alta, é classificada como “área de bairros populares”, muito populosa e possuindo uma aparente estrutura urbana bem desenvolvida, mas que não se estende às áreas de morros. Na década de 30, o bairro de Casa Amarela é citado como bairro de Xangôs porém não chegando a ser reduto de Xangôs Tradicionais. Na verdade, nossas observações indicam que esta Z.A. forma a mais expressiva amostra das diversas modalidades de religiões afro-brasileiras da cidade, predominando os pequenos terreiros de Jurema e de Xangôs Umbandizados. O bairro de Casa Amarela aparece como principal área de redutos de terreiros, contribuindo com cerca de 85% de casos contra 7% do segundo colocado desta Z.A.

2. Bloco correspondente às Zonas Administrativas de Afogados e Tegipió

Este bloco, apresenta uma ocupação urbana tão antiga quanto a Z.A., do Beribe. Situado transversalmente ao sudoeste da região metropolitana do Recife, topograficamente constitui-se de uma planície aluvionar, de terras baixas e úmidas, em algumas partes inudáveis, e cortadas em seus extremos meridionais e setentrionais pelos rios Tejipió e Capibaribe. Essas áreas pertenciam a extensas plantações de cana-de-açúcar que se estendiam até aos municípios de Jaboatão e São Lourenço.

A Zona Administrativa de Afogados é composta pelos bairros de Afogados, Mustardinha, Mangueira, Jardim São Paulo e Estância.

O bairro de Afogados, segundo Galvão (1908), era conhecido como “aterro dos Afogados”, antiga área de mangues que no inverno dificultava a passagem de quem vinha do interior para o centro da cidade. Como na travessia do rio Capibaribe morria muita gente neste local, adveio o nome de “área dos Afogados”, nome que tomou posteriormente o bairro. No final do século passado, o referido autor, descreve o bairro como tendo ...“edificações de palha em número avultadíssimo... e muito povoado na época... com cerca de 25 mil almas”... (op. cit.: 04). Este bairro foi a porta de saída do Recife pelo sul. Os demais bairros desta área foram surgindo ao longo (e ao largo) da via de comunicação de Afogados para os Engenhos ou para o centro. Este bairro apresenta a maior concentração de localização de terreiros em sua Z.A. contribuindo com 56% dos casos. Bairro de classe média baixa é também zona de pobreza e mocambaria. A sua densidade demográfica não é das mais altas do Recife (90 a 100 hab/hect.), vale a pena salientar que esta Z.A. corresponde a uma das maiores em superfície do Recife.

Este bairro aparece como local de Xangôs desde a década de 30, e apesar de não ser considerado reduto de Xangôs Tradicionais, possui, segundo nossas observações, inúmeros pequenos terreiros de Xangôs Umbandizados, de Jurema e de Umbanda Branca.

Mustardinha, Mangueira e Jardim São Paulo — Bairros de ocupação mais recente que os de Afogados e Estância não possuem tradições enquanto redutos de Xangôs. Na pesquisa de Mendonça (op. cit.) contribuem respectivamente com 18% 12% e 10% dos casos registrados na Z.A. de Afogados.

Estância — É um bairro de grande importância histórica. Em 1630 constituía

a localidade, segundo Costa (1981: 77), “em terras adjacentes há grandes sítios com casa de vivenda pertencente ao abastado português João Velho Barreto...” Em 1645, na luta contra o invasor holandês, foram construídas nestas áreas várias guarnições militares, destas a mais famosa pertenceu ao Comando de Henrique Dias, negro valoroso, sendo seus comandados igualmente negros. Herói da guerra contra os holandeses, mandou erigir uma capela a Nossa Senhora da Assunção ao redor da qual surgiu uma povoação. Galvão, afirma que, nas primeiras décadas deste século era muito desenvolvido e possuía excelente casario, afirma ainda o referido autor, que este bairro é lugar de irmandade de negros. Contribui com 4% do total de terreiros encontrados nesta Z.A...

A Z.A. de Afogados portanto, pode ser descrita como área de pobreza onde desde a década de 30 é citada como local de concentração de terreiros, hoje apresentada a terceira colocação entre as cinco Z.As. de maior concentração e localização de terreiros. Possui uma densidade demográfica de 90 a 100 hab/hect.

3. Bloco correspondente a Zona Administrativa de Boa Viagem

A Z.A. de Boa Viagem e seus respectivos bairros apresenta a segunda maior concentração de terreiros na cidade do Recife. A composição topográfica desta região apresenta áreas de mangues, como os presentes nos bairros de Brasília Teimosa e Pina; zonas de morros, como as de Ibura e Jordão; valorizada orla marítima como a do bairro de Boa Viagem.

Este bloco está localizado ao sudeste da Região Metropolitana do Recife, com densidade demográfica em torno de 30 a 55 hab./hect., (apesar do bairro de Boa Viagem apresentar uma das mais altas taxas de densidade demográfica do nordeste). Esta área faz parte das mais recentes ocupações do espaço urbano recifense onde Boa Viagem é o reduto mais antigo e possui a maior superfície enquanto Zona Administrativa: 33,6km².

A composição sócio-econômica desta Z.A. é bastante diversificada, desde a mais alta renda per capita da cidade, como no bairro de Boa Viagem, a bolsões de extrema pobreza como no bairro de Brasília Teimosa ou bairro de pequenos assalariados, onde a pobreza predomina como no Ibura e Jordão.

Historicamente, **Boa Viagem**, antes aldeia de pescadores, começa a ser procurada como estação balneária nos finais do século passado. Em 1950, começa o grande crescimento deste bairro que hoje apresenta uma das melhores infra-estruturas urbanas da cidade.

Os bairros de **Ibura e Jordão**, em 1920 Galvão (op. cit.) aponta como possuindo uma pequena povoação, só foi realmente habitado na década de 60, quando o governo resolveu implantar as unidades de Residências populares (URP).

Na década de 30, o bairro do Pina, contribuía com um único caso, o que representava na época um dos cinco maiores redutos de cultos afro-brasileiros do Recife.

Atualmente esta Z.A. é a segunda maior área de concentração e localização de Xangôs; onde Brasília Teimosa e Pina apresentam o maior número de casos – no conjunto 41% – em seguida aparece Ibura com 35% e Boa Viagem, Imbiribeira e IPSEP com respectivamente 15%, 5% e 3% do total de casos apresentados nesta Z.A..

O grande crescimento do número de Xangôs apresentados nesta Z.A. é surpreendente mas não contraditório. A percentagem atribuída ao bairro de Boa Via-

gem, que como afirmamos possui uma das mais altas rendas per capita da cidade. é conforme Mendonção (op. cit.: 56) decorrente das localizações de terreiros... "nas imediações do Encanta Moça, beirando o canal do Setubal, entre o Aéreo Clube e a Avenida Herculano Bandeira, ao lado da Av. Domingos Ferreira etc. ... Eles não existem na Av. Beira Mar, Navegantes ou na Conselheiro Aguiar"... As primeiras vias públicas mencionadas, correspondem a bolsões de pobreza muitas vezes incrustadas em áreas de alta especulação imobiliária como as próximas ao canal do Setubal e Domingos Ferreira; as três últimas vias mencionadas correspondem às áreas de maior valor imobiliário no bairro.

Numa análise global da localização e concentração de terreiros nos diversos bairros e suas correspondentes zonas administrativas da Região Metropolitana do Recife (RMR), podemos perceber que apesar de cada Z.A. possuir características próprias de ocupação apresentam uma composição sócio-econômica não muito variável. Os Xangôs continuam a ser associados às áreas cujas populações possuem menor poder aquisitivo — áreas de pobreza e mocambaria.

A correlação positiva encontrada entre áreas de localizações de Xangôs com áreas de mocambos, indica a precariedade não só habitacional (infra-estrutura urbana), como também, a de estrutura ocupacional de seus habitantes — subempregos e baixas rendas.

Um outro aspecto a considerar é que indubitavelmente houve um crescimento no número total de terreiros na cidade. Hoje ocupando praticamente todas as zonas administrativas do Recife apesar de que, por razões práticas, apresentamos apenas as cinco maiores áreas de concentração e localização de Xangôs. A densidade demográfica dessas áreas possui uma média de 87 a 111 hab./hect., onde podemos concluir que os Xangôs agregam parte representativa da população da cidade desmistificando as antigas conclusões que o identificavam a uma determinado segmento étnico — negros e mulatos.

Notas de Referência:

1. Maria Graham, que esteve no Brasil entre 1821 e 1823, nos dá o seguinte relato sobre negros e mulatos em Pernambuco.

"Fiquei impressionada com a grande preponderância de população negra. Pelo último censo, a população de Pernambuco, incluindo Olinda, chegava a 70.000, dos quais não mais de um terço era de branco. Os demais são negros e mulatos. Os mulatos em geral são mais ativos, mais industriais e mais espertos que qualquer das outras classes. (...) Poucos negros, mesmo entre livres, conseguiram ficar muito ricos (...)" (1956:137)

2. Tollenare, L. F. de Notas Dominicais tomadas durante viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818. Salvador, Livraria Progresso editora, 1956.

3. Henry Koster (1942: 486), que esteve no Brasil em 1809 e permaneceu no Brasil até 1820, permanecendo boa parte desse tempo em Pernambuco nos dá os seguintes relatos.

"Os negros-creoulos do Recife são de um modo geral operários de todas as profissões, mas não chegavam as altas classes sociais, agricultores ou negociantes. Alguns tem acumulado consideráveis somas de dinheiro, possuem escravos aos quais ensinaram seus ofícios ou fizeram aprender outras atividades para que maior seja o rendimento (...) Os pretos são excluídos do sacerdócio e dos ofícios que os mulatos podem concorrer (...) Os oficiais e praças do Regimento dos Henriques são tão unidos entre si que esses e aqueles são menos sujeitos as opressões dos brancos como os soldados dos regimentos mulatos" (op. cit.: 500) "As eleições do Rei do Congo, pelos indivíduos provindos dessa região africana, parece tender a recordar-lhes as tradições da terra natal mas os reis do Congo brasileiros invocam Nossa Senhora do Rosário e são vestidos como se vestem os brancos. Conservam, é verdade, a dança do seu país mas nessas festas são admitidos pretos africanos de outras nações, creoulos, negros e mulatos, e todos dançam da mesma maneira e essas danças são mais danças nacionais no Brasil do que na África. O idioma português é falado por todos os escravos e sua própria linguagem é de uso tão vestuto que muitos a esquecem completamente (...)"

Este mesmo autor (op. cit.: 505/507) descreve mais adiante os tipos de negros encontrados em Pernambuco:

"Os escravos comumente trazidos a Pernambuco são conhecidos sob os nomes de Angola, Congo, Rebolo, Angico, Gabão e Moçambique. Os negros de Angola são os melhores escravos. (...) Os negros d'Angola são comumente docéis, e se podem perfeitamente encarregar dos serviços da casa e do estabulo sem que dêem muito cuidado, e alguns demonstram grande dedica-

ção, fidelidade e honestidade. Os negros d'Angola são os que mais se esforçam para obter sua liberdade. Os negros do Congo parecem muito com o temperamento dos Angolêses, sendo igualmente tratáveis mas são pesados e especialmente próprios para as tarefas regulares no trabalho de campo. (...) Os Rebolos podem dificilmente ser distinguidos entre os dois primeiros. São baixos e robustos, tendo a pele negra mais não luzente e seu rosto é chato. (...) Os negros Angico têm o ar de pertencer a outra nação. São bons escravos quando muito bem tratados mas conduzidos sob direção severa. São difíceis de instrução, suportando o jugo com impaciência. (...) Os negros do Gabão foram introduzidos no Brasil não há muitos anos, pelo bem conhecido caráter desse povo são vendidos a baixo preço. (...) São muitos sujeitos ao desânimo e ao suicídio subsequentemente. (...) É com grande esforço que se consegue ensinar a um Gabão executar qualquer trabalho que não seja demasiado simples (...) Os negros de Moçambique constituem uma pobre e feia raça de seres languídos, preguiçosos e propensos a melancolia. (...) Seu preço é inferior ao de qualquer nação e alguns agricultores so adquiriram a título de experiência mas dizem que eles têm as más qualidades do Gabão sem que possuam seu vigor'. (Koster, op. cit.: 505 a 507)

4. Apud Ribeiro (1952: 34)
5. Apud Ribeiro (1952: 38)
6. K. Real (1977: 147)
Clube de Frevo: "Descendente de antigas corporações de ofício, grupo que sai **de noite**, com orquestra de fanfarra tocando frevos, em luxuosas fantasias, com estandartes ricamente bordados e cordão de homens e mulheres que às vezes 'fazem o passo'".
7. Troça (op. cit.: 147):
Conjunto ligado, às vezes, a corporações do passado, que sai **de dia** com orquestras de fanfarra (de frevo), ricas fantasias, estandarte e cordão misto que faz "passo". Em geral são menores e menos luxuosos de que os clubes.

8. ÁREAS DE LOCALIZAÇÃO E CONCENTRAÇÃO DE TERREIROS DE XANGÓS POR ZONAS ADMINISTRATIVAS E RESPECTIVOS BAIROS - QUADRO PERCENTUAL

Zonas Administrativas e Bairros	Número de Centros	%*	Zonas Administrativas e Bairros	Número de Centros	%*
1. Casa Amarela	190	85	2. Boa Viagem	28	15
Casa Amarela	16	7	Boa Viagem	76	41
N. Descoberta	5	3	Pina e Brasília T	65	35
Mangabeira	4	2	Ibura	10	6
Macaxeira	4	2	Imbiribeira	5	3
Vasco da Gama			IPSEP		
Guabiraba					
TOTAL	222	100	TOTAL	184	100
3. Afogados	87	56	4. Beberibe	40	26
Afogados	28	18	Beberibe	50	33
Mustardinha			Água Fria	1	0,6
Mangueira	19	12	Cajueiro	24	16
Jardim São Paulo	16	10	Águas Compridas	2	1,2
Estância	5	4	Alto do Deodato	22	14
			Fundão	5	3
			Peixinhos	5	3
			Arruda	1	0,
			Caixa d'Água	1	0,
			Sapucava		
TOTAL	155	100	TOTAL	151	98

* Percentual aproximado

Zonas Administrativas Bairros	Número de Centros	%
5. TEJEPIÓ		
Tejipió	18	26
Areias	31	45
Barro	10	14
Caçote	3	4
Sucupira	3	4
Pacheco	3	4
Sancho	1	1
Total	69	98

FONTE: Baseado em Mendonça (1975) onde acrescentamos os dados percentuais

9. Mesmo no caso de Boa Viagem, os Xangôs se localizam em alguns bolsões de pobreza do bairro

BIBLIOGRAFIA

- ALVARENGA, Oneyda. **Registros Sonoros do Folclore Musical Brasileiro**. São Paulo, Departamento de Cultura, 1948 – 3 vols. (Vol. I – Xangô)
- BARRETO, Paulo (João do Rio). **As Religiões no Rio**. Rio de Janeiro, Garnier Livreiro – Editor, 1927.
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1971, Vols. 1 e 2.
- BERLINKER, Manoel T. “Algumas Considerações Sociológicas sobre Religiões no Brasil”. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, Vol. 12, 1972.
- CARNEIRO, Edson, **Candomblés na Bahia**. Salvador, Secretaria de Educação e Saúde da Bahia, 1948.
- Os Cultos de Origem Africana no Brasil. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1959.
- CASTRO, Josué de. **A Cidade do Recife**. Rio de Janeiro, Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1954.
- CAVALCANTI, Pedro. “As seitas Africanas do Recife. “In. **Estudos Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro, Editorial Ariel, 1935.
- CAVALCANTI, Clovis et ali **Pobreza, Carestia, Subalimentação**. Recife, Editora Massangana, 1984.
- Viabilidade do Setor Informal: a demanda de pequenos serviços no grande Recife**. Recife, Editora Massagana/SUDENE, 1983.
- COSTA, F.A. Pereira da. **Arredores do Recife**. Recife, Cia. Editora de Pernambuco, 1981.
- Folk-Lore Pernambucano**. Recife, Arquivo Público Estadual, 1974.
- ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS**: Trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934. Rio de Janeiro, Ariel Editora, 1935.

- FERNANDES, A. Gonçalves. **O Folclore mágico do Nordeste**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1938.
Xangôs do Nordeste: Investigação sobre os cultos Negro-Fetichistas do Recife. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1937.
- FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e sentimental da Cidade do Recife**. Rio de Janeiro, 3 ed. Livraria José Olympio Editora, 1961.
Novos Estudos Afro-Brasileiros. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.
Sobrados e Mucambos. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1977, 2 vols.
- GRAHAM, Mary. **Viagem ao Brasil**.
- GUERRA, Peixe Cesar. **Maracatus do Recife**. São Paulo, Irmãos Vitale Editora, 1980.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1978.
- LIMA, Vicente. **Xangô**. Recife, Empresa Jornal do Comércio, 1937.
- LOPES, Dias. **O Catolicismo no Brasil**.
- MENDONÇA, João Hélio. "O Crescimento e a Localização dos Terreiros de Xangô no Grande Recife" (Interpretação Sociológica)". **Revista Ciência e Trópico** 3 (1).
- MOTTA, Roberto. "As Variedades do Espiritismo Popular na Área do Recife: Ensaio de Classificação". **Boletim da Cidade do Recife**. 1977.
Comida, Família, Dança e Transe (sugestões para o estudo de Xangô). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982.
"Cultos Populares e Fontes Alternativas de Renda". In: **Emprego e Renda na Economia Informal da América Latina**. Recife, Editora Massangana, 1984.
"Homens, Santos e Sociedade. As Crenças Básicas no Xangô de Pernambuco". In: **Revista Pernambucana de Desenvolvimento**. Recife, CONDEPE.
Religiões e estratégias Adaptativas em Ambiente Urbano: O xangô do Recife. Recife, mimeo, 1978.
"Renda, Emprego, Nutrição e Religião". In: **Revista Ciência e Trópico**, 1977.
- RAMOS, Arthur. **O Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1934.
Introdução à Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943. 2 vols.
- REAL, Katarina. **O Folclore no Carnaval do Recife**. Rio de Janeiro, Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro.
- RIBEIRO, René. **Antropologia da Religião e outros Estudos**. Recife, Editora Massagana/Fundação Joaquim Nabuco, 1982.
- RIBEIRO, René. **Cultos Afrobrasileiros do Recife**. Recife, MEC/Instituição Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.
"Novos Aspectos do Processo de Reinterpretação nos Cultos Afro-Brasileiros do Recife". In: **Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas**. São Paulo, Editora Anhembi, 1955.

- "O indivíduo e os Cultos Afro-Brasileiros do Recife". São Paulo, In: **Revista Sociológica**, Vol. XII – Nº 3, 1951.
- "Significado Sócio Cultural das Cerimônias de Ibeji". Recife, **Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**, nº 7, 1958.
- "Xangôs". Recife, In: **Boletim do IJNPS** – Vol. 3, 1954.
- RODRIGUES:** R. Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo, Editora Nacional, 1932
- ROLIM,** Francisco Cartaxo. "Religiões Africanas no Brasil e Catolicismo – Um questionamento". In: **Revista do Centro de Estudos Africanos**, São Paulo, 1978.
- SETTE:** Mário A. **História Pitoresca do Recife Antigo Recife**, Secretaria de Educação e Cultura, 1978.
- TOLLENARE,** L. F. de. **Notas Dominicais: Tomadas durante uma Viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817, e 1818**. Salvador, Livraria Progresso Editora, 1956.

